



# IRMÃS, PRIMAS E MADRINHA





# IRMÃS, PRIMAS E MADRINHA

Vila Velha, ES  
2019



**Irmãs, primas e madrinha**

© 2019 Lino Geraldo Resende

Todos os direitos reservados

Permitida a citação de partes, desde que identificada a fonte.

Proibida a reprodução parcial ou total sem o consentimento do autor.

Texto, Projeto Gráfico, Capa e Edição:



linoresende.jor.br

Vila Velha, E. Santo.

2019

## A primeira irmã

- Irmão, você sabia que temos uma irmã?

A pergunta foi feita por minha filha no grupo da família após ter postado no Instagram uma foto bem antiga em que estava na praia acompanhado de três jovens, duas minhas primas irmãs Lúcia e Vera e a terceira minha irmã Ângela.

Fiquei surpreso com a reação mas, ao mesmo tempo, me dei conta que havia uma história a ser contada e explicada aos meus filhos. Eles nasceram e cresceram longe da Ângela e de uma outra irmã, Elza. E por isso a primeira explicação era que sim, eu tinha duas irmãs, e não apenas uma. E também eram minhas primas e uma delas, ainda mais, minha madrinha.

A história começou muito antes e é preciso de lhe dar um contexto.

Minha mãe tinha várias irmãs e uma delas era casada com um antigo associado do meu pai, o tio Napoleão. Deste casamento nasceram – como era comum na época – vários filhos, mas a irmã de mãe acabou falecendo e deixando o meu tio com vários filhos para criar. Um deles era a minha primeira irmã de criação, Elza.

Ela foi acolhida pelos meus pais e quando nasci ela já fazia parte da família. Minha mãe não a adotou formalmente, mas para ela e meu pai era uma filha adicionada devido às circunstâncias da vida. A elas, acrescentavam o desejo de ajudar meu tio e oferecer um abrigo seguro para a criança que precisava de acompanhamento e segurança de um lar estruturado.

Os anos se passaram, Elza foi crescendo e se tornou parte integrante da família. Era uma sobrinha acolhida com todo amor e foi neste ambiente que cresceu, transformando-se em uma bela mulher

e casando-se com um irmão de meu pai, o que a transformou em minha tia.

Quando nasci era uma época em que a religião católica predominava e filhos passavam por todos os ritos da Igreja. Eu não fui diferente e, demonstrando o apreço pela sobrinha que a acompanhava há anos, minha mãe quis, também, transformá-la em minha madrinha, o que aconteceu antes do casamento com o tio Rafael, o irmão mais novo de meu pai.

Madrinha, como a chamo até hoje, chegou à nossa casa quando morávamos no interior do município de Alegre, no Cedro Grande, uma parte da fazenda do meu avô. O nome, como pode se depreender, veio de um grande cedro meio retorcido que ficava próximo da casa, construída sobre um platô e com vista para o vale abaixo e acima. Próximo dela e embaixo ao lado do pequeno rio ficava a casa do Jorgino e da Sebastiana, dois outros personagens que meus filhos não conheceram mas que foram importantes na minha infância e juventude,

6 Foi no Cedro Grande que nasci, dei os primeiros passos e comecei a caminhada pela vida. Ao lado, ajudando nos meus cuidados, além da Sebastiana, estava minha madrinha – a irmã que meus filhos não conheceram. Quando eu tinha quatro anos minha família mudou-se para São José do Caparaó, na época ainda vinculado ao Alegre.

Meu tio Napoleão havia comprado uma fazenda na região e se mudara para lá, levando sua família, composta dos filhos do primeiro casamento, já adultos, e dos gerados no segundo, ainda crianças, meus colegas de brincadeiras e travessuras. Ele ofereceu ao meu pai uma bela lavoura de café e ele, seduzido pela proposta, mudou-se.

A mudança me trouxe companhia de outras crianças, incomum na residência anterior, e recolou madrinha Elza em estreito contato com seus irmãos adultos que ainda moravam com tio Napoleão. Ela, contudo, continuou conosco. E foi em São José que ela e tio Rafael começaram a namorar.

Meu tio é um pouco mais velhos que ela, mas conviveram enquanto morávamos em Cedro Grande, já que meu tio Osorio morava

na Fazenda Cachoeira, a sede da propriedade, e com ele moravam minha avó, Maria Carolina, e meus tios Rafael e Eni, os dois mais novos de uma família de dez. Nós fomos para São José do Caparaó e meu tio permaneceu na fazenda.

Tempos depois, abalados pela morte da filha, ele também decidiu se mudar, comprando uma propriedade no município de Iúna, não tão longe de onde morávamos. Com meu tio foi, também, minha avó e meus dois tios – Rafael e Eni. Já não eram tão crianças. E meu tio, um belo rapaz, se interessou por Madrinha, que também se interessou por ele.

Veio o namoro formal, sem tantas complicações, já que os dois eram da família, e um tempo depois o casamento. Os dois foram morar próximos de nossa casa e madrinha, até ter o seu primeiro filho, continuava junto conosco. Os dois primeiros filhos de tio Rafael e Madrinha nasceram em São José do Caparaó, mas não ficaram muito tempo lá. Meu tio, atraído pela possibilidade de ter terras no Norte do Espírito Santo, mudou-se.

A mudança quebrou o convívio. Nós, de um lado, retornamos à fazenda no interior de Alegre. Meu tio, depois de um bom tempo, mudou-se do Norte para Vila Velha, começando a trabalhar na construção do Porto de Tubarão. Foi uma época de poucos encontros, que só aconteciam quando eles nos iam visitar ou viajávamos a Vitória – na verdade, sempre ficamos em Vila Velha – na casa do tio Napoleão, que havia deixado a fazenda em São José do Caparaó e vindo para as proximidades da capital capixaba.

Madrinha e tio Rafael foram aumentando a família e eu os reencontrei quando terminei o Ginásio\*. Como queria continuar estudando, acabei saindo de casa e vindo para Vila Velha, onde fiquei na casa de Madrinha e tio Rafael. Morei com eles cerca de dois anos, retomando o contato diário que, no caso de minha madrinha, tínhamos desde que era um bebê. Foi com o suporte deles que consegui meu primeiro emprego e retomei os estudos.

Com o trabalho, comprei uma casa, casei-me e veio minha filha. Ela sabia da existência de minha madrinha, pois a frequentávamos e ela a nós, em visitas que, se não eram constantes, tinha um deter-

minado ritmo. Muitas vezes a encontramos na casa de minha mãe, que havia mudado para Vila Velha devido a doença de meu pai, e moravam perto da casa de Madrinha e tio Rafael.

Mesmo assim, só quando minha filha se mostrou surpresa com a foto é que me dei conta de que havia uma história para ser contada e que, nos contatos feitos com a família de minha irmã de criação, nunca havia ficado claro que ela tinha crescido em nossa casa, nos acompanhando por vários anos, casando-se sob as bênçãos de meus pais. Era uma história que precisava ser contada.

E ao contar a história era preciso voltar mais atrás, começando pela Madrinha e sua chegada à nossa família, oferecendo o contexto para a existência de uma primeira irmã. A partir dele, seria possível retomar a história a partir da foto em que a Lúcia, a Vera e a Ângela estão juntas comigo na praia.



## A Segunda Irmã

Madrinha tinha vários irmãos e irmãs. Como era uma das mais novas, alguns de seus irmãos já haviam casado, tido filhos e ela ganhado sobrinhos. Uma das casadas era a Serrat. Junto com o marido, Alcides, morava em São José do Caparaó, próximo da casa do tio Napoleão. E uma das filhas era a Ângela.

No caso dela a história repete um pouco o que aconteceu com a Madrinha. Não, ninguém morreu desta vez, mas o Alcides, em determinado momento, abandonou a Serrat, deixando-a com vários filhos para criar e sustentar. Viver no campo, da agricultura, não era – e não é – tarefa fácil. Serrat tinha uma difícil tarefa para manter a casa e criar os filhos, mesmo com a ajuda de tio Napoleão, considerado, na época, um homem rico, já que tinha uma extensa fazenda, produzia bastante café e também tinha algum gado.

Com o desaparecimento do Alcides o que todos comentavam é que Serrat precisaria de ajuda para criar os filhos. E meus pais foram dos que ajudaram, mas não consideraram suficiente a ajuda material e se dispuseram a acolher uma das filhas do casal. Foi assim que Ângela, minha segunda irmã, chegou à nossa casa. Minha madrinha já tinha se casado e o quarto que era dela foi destinado à Ângela, que começou conosco uma nova vida.

A exemplo do que tinha acontecido com Madrinha, ela nunca foi adotada formalmente, mas ela se incorporou à família. De certa forma, repetiu a trajetória de minha tia e irmã. Ângela foi acolhida ainda quando estávamos em São José do Caparaó e quando retornamos à Fazenda Cachoeira, desta vez para a sede, não para o Cedro Grande, ela veio conosco, afastando-se um pouco da mãe e dos ir-

mãos, que ficaram mais distantes.

Na mudança, o arranjo do Cedro Grande, se repetiu. Morávamos na casa grande e, ao lado, estavam o Jorgino e a Sebastiana, que nos havia acompanhado a São José do Caparaó e, com a decisão da volta, também decidiram retornar. A imensa casa era uma novidade para todos, mas reunia a família para um recomeço, difícil e de muito trabalho, mas com oportunidade de novos conhecimentos e crescimento.

Foi na casa grande que a Ângela cresceu. Era engraçado vê-la com medo dos bois e vacas – no que tinha razão, pois às vezes nos atacavam – e dos cavalos, o meio de transporte mais usado na época. Ela temia que eles a morderiam, principalmente quando estava andando na frente de um deles. Os animais eram muito mansos e nunca atacaram ninguém. Eu era criança e vivia andando neles no pelo – sem arreios. É verdade que levei algumas quedas, mas nada que me impedisse de tentar de novo.

10 Ao retornar à fazenda, papai enfrentou um tempo difícil. Ela havia ficado praticamente abandonada, era preciso limpá-la, preparar pasto para os animais, limpar a terra cultivável e plantá-la. Para fazer todo o trabalho havia ele e o Jorgino. Só que, logo depois, ele decidiu mudar-se para Jerônimo Monteiro, conseguindo um trabalho na Agroceres, empresa que produzia sementes, principalmente de milho, e às vendia aos produtores.

Aos poucos, adaptada ao novo ambiente, Ângela se integrou a família e tornou-se a acompanhante de minha mãe. Se a situação do acolhimento que me deu uma nova irmã foi assemelhada ao que aconteceu com madrinha, Ângela era muito diferente dela. Enquanto Madrinha era expansiva, vivia rindo, falava com todo mundo, brincava e se enturmava, Ângela era tímida, retraída e, inicialmente, parecia ter medo de outras pessoas. E também era muito parecida com a mãe, a Serrat.

Mamãe era uma pessoa exigente. Havia tarefas que precisavam ser feitas e ela cobrava. Mas também era paciente para ensinar. E fazia isso tanto comigo quanto com a Ângela. Eu ajudava, mostrando a ela algumas coisas, procurando ensinar o pouco que sabia e os

dias foram correndo, a integração se deu e tal como aconteceu com madrinha, ela se tornou parte integrante da família.

Com Ângela já adolescente, sai de casa, vindo para Vila Velha, acolhido por Madrinha e tio Rafael. Desde então, minhas visitas à casa paterna ficaram mais espaçadas. Eram mais difíceis devido ao trabalho e aos estudos, tocados ao mesmo tempo. Mas era sempre uma alegria chegar em casa, encontrar meus pais e a Ângela, que aos poucos foi se transformando em adulta.

O rio da vida segue sempre, deixando-nos muitas vezes à sua margem. Profissionalmente, eu estava mais envolvido com minhas tarefas, pois tinha assumido uma chefia no jornal A Gazeta, trabalhando de segunda a sábado. Com isso, sair de Vitória e Vila Velha tornou-se mais difícil e as visitas à casa dos meus pais se espaçaram mais. Minha convivência com Ângela ficou menor.

Mas houve um momento de retomada. Papai teve um desentendimento com o meu tio, que morava ao lado, e decidiu deixar a fazenda. Como eu já tinha comprado uma casa em Vila Velha, através da associação a uma cooperativa habitacional, ele decidiu vir morar na cidade grande – o que detestava, mas mamãe queria, pois teria reunida a família novamente.

A casa foi preparada e eles chegaram. Junto, vinha Ângela, já adulta. Essa reunião não durou muito. Meu pai era completamente inadaptado à cidade. Ele havia nascido, sido criado, havia casado, tido filhos sempre ligado à área rural. Começou como tropeiro, em associação com tio Napoleão. E foi levando e trazendo tropa que os dois conheceram e se casaram com duas irmãs, minha mãe e a mãe de Madrinha Elza.

O que meu pai queria era ter uma atividade. Cuidar de uma roça, tirar leite, ver o queijo ser feito, poder tirar uma soneca depois do almoço, trocar “um dedo de prosa” com vizinhos que o visitavam ou com quem se encontrava com uma eventual ida à cidade. E foi contra a vontade de minha mãe que comprou uma pequena propriedade em Iúna, onde já moravam dois tios – uma irmã de papai e um irmão de mamãe.

A família, mais uma vez e a exemplo do que tinha acontecido com

madrinha, estava separada. Papai, mamãe e Ângela foram para Iúna. Eu fiquei, preso às minhas atividades profissionais e aos estudos, que ainda continuava. Com a vida tendo melhorado, comprei um carro e isso facilitou as visitas à família.

As novas visitas já incorporavam um novo componente, minha futura esposa. Eu e Solange havíamos começado um namoro ao final do curso de segundo grau que fazíamos na mesma escolha e em que parte das matérias eram na mesma sala, já que comuns aos cursos que eu e ela fazíamos. Éramos amigos, fazíamos parte de um grupo que sempre estava juntos e que com frequência saía junto, também. Mas houve uma hora em que nos aproximamos mais e o namoro acabou acontecendo e ficando sério.

Papai e mamãe acomodaram-se à nova realidade e à nova propriedade. Ele estava fazendo o que gostava. Acordava cedo, ordenhava as vacas, levava o leite para a casa, separava o que seria usado para tomar e com o restante fazia queijo ou, então, minha mãe usava para fazer manteiga. Depois, ia cuidar do pequeno cafezal ou de algum outro tipo de plantação.

12

Novamente, havia incorporado sua rotina de viver e de trabalho e se sentia feliz. Próximo a família de meus tios, Ângela começou a conviver com meus primos, filhos do tio José. Já não era mais a criança tímida que havia chegado à nossa casa e havia se transformado em adulta, ajudando mamãe nas tarefas de casa.

E vimos, de certa forma, a história se repetir: Ademir, um dos filhos de tio José, interessou-se por Ângela. Os dois se aproximaram, começaram um namoro, com aprovação de papai e mamãe e, voilá, se casaram. A exemplo de madrinha e tio Rafael, foram morar próximos, em uma parte da fazenda de tio José, que lhes providenciou uma casa e terras para que explorassem. Eu e Solange, já então minha esposa, fomos os padrinhos de Ângela.

Quando minha filha nasceu, Ângela já estava casada. Nas visitas que fazíamos a papai e mamãe no sítio em Iúna, ela era muito pequena, bebê mesmo. Às vezes, passávamos na casa de Ângela, que também já tinha filhos, mas estas visitas não ficaram na lembrança dela e, como não conviveu com Ângela na casa de meus pais, sur-

preendeu-se ao vê-la na foto indicada como minha irmã.

A convivência de meus filhos tanto com madrinha quanto com Ângela foram pequenos. Meu filho, então, teve ainda menos contato. Principalmente devido ao fato de meu pai ter adoecido e eu tê-lo trazido para Vila Velha, onde teria melhor assistência. Quando ele faleceu e minha mãe mudou-se para outra casa, as visitas continuaram e meus filhos, embora pequenos, tiveram a felicidade de conviver com ela.

Os encontros com madrinha e Ângela foram muito menores, principalmente com minha segunda irmã, que morava longe, em Lúna, e pouco vinha a Vitória. Mesmo assim, surpreendi-me pela reação de minha filha. Havia naturalizado as coisas e não me preocupei em dizer a ela e ao irmão que, sim, eu tinha duas irmãs e que ambas foram importantes na minha e na vida dos meus pais.

Sim, é verdade que sou filho único. Meus pais não tiveram outros filhos naturais. Mas tanto no caso de Marinha Elza quanto no de Ângela, elas foram criadas como se filhas fossem. Era assim que minha mãe e meu pai as consideravam. E para mim, ambas são irmãs, de verdade.

A história está contada. Foi uma falha não a ter contado antes. Pelo menos posso explicar – muitos anos depois do que devia tê-lo feito – o fato de ter duas irmãs, que são primas e, uma, madrinha.

